



VIII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
VI Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



O LUGAR DO OUTRO: EXPERIMENTO DE ENSINO DE DANÇA COM VIDENTES VENDADOS

Janaína Raaber Kolling^a, Cristian Roncada^b, Gislaine Sacchet^{c*}

*Gislaine Sacchet,
endereço: Marília, 1040, bairro Panazzolo - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95082-150.

Palavras-chave:
Cegueira. Dança. Empatia. Inclusão.

INTRODUÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A deficiência visual ou cegueira atinge 2,2 bilhões de pessoas no mundo (OMS, 2019). Para o desenvolvimento pleno desses indivíduos é fundamental o sentimento de pertencimento na sociedade em que vivem. Bronfenbrenner (1992) descreve seu modelo bioecológico em que a sociedade se manifesta como processo proximal-pessoa-contexto-tempo, onde as relações se demonstram codependentes. Zanandrea e Ramalho (2017), relatam que a inclusão necessita de reciprocidade entre indivíduo e sociedade, onde ambos se modificam e reorganizam a realidade social. Acredita-se que essa possibilidade ocorra principalmente por meio da empatia, conceito que determina a capacidade de se colocar no lugar do outro, mantendo sua identidade. Conforme Couchout (2018, p.08), seria um “estado corporal compartilhado, uma ressonância não mediada”. Segundo Souza (2009), uma nova relação com o mundo é proposta pela deficiência visual, valorizando outros sentidos, principalmente tato e audição. A dança por sua característica sensível, possibilita um ambiente propício à estímulos para desenvolvimento de todos, deficientes visuais ou videntes. As propostas de Laban (1978), de Steve Paxton e de Alito Alessi e Karen Nelson utilizavam-se de improvisações individuais e entre dois ou mais corpos (*Contact improvisation*), incentivando contato entre indivíduos com diferentes habilidades, valorizando noções de espaço, tempo, tônus muscular e fluência (MARENGO E MUNIZ, 2018). Alessi e Zolbrod (2008), definem essas improvisações como *DanceAbility*, método que promove troca artística entre pessoas com diversas habilidades, com e sem deficiência, com ou sem experiência em dança. Devido a essa possibilidade de empatia, o objetivo da proposta foi identificar, por meio da observação, como os indivíduos videntes atuam em uma experimentação de um processo coreográfico, estando vendados.

MATERIAIS E MÉTODOS: Inicialmente foi aplicada uma anamnese com os indivíduos, para verificar a possibilidade de participação. O processo, em 26 encontros, contou com três indivíduos

videntes que improvisaram de olhos vendados. Participaram dois homens (29 e 60 anos) um estudante e um advogado, e uma mulher (50 anos) auxiliar administrativa, no período de abril a junho de 2020. A vivência compositiva ocorreu a partir da experimentação, em que o intérprete atua como criador. Para avaliar os resultados, a pesquisadora utilizou-se de um diário de bordo para observação dos resultados, pois conforme Porlán e Martín (1997) esse recurso metodológico verifica o processo que vem ocorrendo na realidade dos envolvidos. Devido ao isolamento social, os alunos e a pesquisadora usaram máscaras de proteção, luvas quando o toque foi necessário, bem como álcool em gel. Nos primeiros oito encontros, foram trabalhados a consciência do espaço, distância e direções e resposta à comandos provenientes do tato e audição. Nos oito encontros seguintes, ritmo, musicalidade, esquema e consciência corporal. Na terceira fase, a prioridade estava no processo de composição coreográfica com foco nas expressões dos indivíduos. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Partindo do diário de bordo da pesquisadora, observou-se nos primeiros encontros dificuldades na utilização do espaço, diminuição de amplitude dos movimentos e velocidade lenta nas movimentações. Os indivíduos superaram essas dificuldades conforme os encontros aconteciam e passaram a explorar variações de tempo e espaço com movimentos ritmados acompanhando a melodia e os sons graves e agudos da música. O espaço passou a ser mais utilizado, porém foi o pior item de desenvolvimento dos participantes. A percepção de sua expressividade foi ampliada, pois a forma não foi considerada como elemento primordial da dança. O contato foi o apoio nos movimentos, demonstrando interação e cumplicidade para a criação. Os indivíduos alegaram que a ação imersiva fez com que valorizassem outros sentidos, em si e nos outros, com um novo olhar sobre as deficiências visuais. **CONCLUSÃO:** Os resultados concordam com a literatura, que encontra na dança uma possibilidade de integração do deficiente visual ou cego na sociedade e de empatia entre videntes e não-videntes. Percebe-se a importância de continuidade de projetos semelhantes, aplicando improvisações e experimentos em outros contextos que integrem os cidadãos, respeitando suas diferentes habilidades.

REFERÊNCIAS

ALESSI, A; ZOLBROD, S.M. Dance and DanceAbility. **Dance, Human Rights, and Social Justice - Dignity in Motion** book, edited by Naomi Jackson and Toni Shapiro-Phim, 2008. Publisher: The Scarecrow Press, Inc. Disponível em <<https://www.danceability.com/articles>> Acesso em: 20 jun. 2020.

BRONFENBRENNER, U. Ecological System Theory. Vasta Ross. **Six Theories of Child Development: revised formulations and curries issues**. London: Jessica Knigsley Publishers, 1992.

COUCHOT, E. Autonomy, and aesthetics in performing arts. In: **The Theatre Times** Disponível em:< <https://thetheatretimes.com/automatism-autonomy-and-aesthetics-in-performing-arts/>>. Acesso em: 20jun. 2020.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. 5.ed. Edição organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1978.

ORGANIZAÇÃO MULDIAL DA SAÚDE. **Relatório da visão no mundo**. Disponível em: < <https://www.who.int/publications/i/item/world-report-on-vision> >. Acesso em: 10jun. 2020.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada Editora, 1997.

ZANANDREA, M. RAMALHO, M. H. S. **Eu no lugar do outro: Interjogo entre a deficiência e a não deficiência**. 3 ed. Centro Universitário da Serra Gaúcha FSG. Caxias do Sul: Núcleo de Educação a Distância – NEAD, 2017.